



# Jack, o Estripador e Barba Azul: dissociação psíquica, sombra coletiva e violência na modernidade

Adriana Spaulonci Politi<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Núcleo de Estudos Junguianos. São Paulo/SP, Brasil.

## Resumo

Este artigo propõe uma interpretação simbólica da figura de Jack, o Estripador, compreendida como representação arquetípica da sombra coletiva no contexto da modernidade vitoriana. A partir da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, articulam-se os conceitos de sombra, *anima* e *persona* à análise do conto de fadas "Barba Azul", entendido como matriz simbólica de uma dinâmica psíquica, marcada pela dissociação entre a consciência e o inconsciente e pela violência dirigida contra o feminino reprimido. O estudo adotou uma abordagem qualitativa, de caráter teórico-interpretativo, fundamentada na hermenêutica simbólica, tomando como *corpus* principal obras de Jung, em diálogo com os desenvolvimentos de Erich Neumann sobre o arquétipo do feminino e com as contribuições de Marie-Louise von Franz acerca da interpretação dos contos de fada. Em articulação com estudos historiográficos sobre a Londres vitoriana, sustenta-se que a persistência cultural de Jack, como mito moderno, não decorre apenas do mistério policial, mas de sua função simbólica como condensador de projeções coletivas relacionadas à repressão moral, à dissociação psíquica e à violência contra o feminino. Conclui-se que a psicologia analítica oferece uma perspectiva para examinar os significados simbólicos associados à violência extrema no imaginário cultural, sem estabelecer uma explicação causal dos crimes.

**Descritores:** psicologia junguiana, projeção, arquétipo, feminino, violência, contos de fada.

## Conflitos de interesses:

A autora declara não haver nenhum interesse profissional ou pessoal que possa gerar conflito de interesses em relação a este manuscrito.



Recebido: 04 fev 2026; Última revisão: 28 abr 2026; Aprovado: 26 maio 2026; Aprovado para publicação: 28 set. 2026.

## Jack the Ripper and Bluebeard: Psychic Dissociation, Collective Shadow, and Violence in Modernity

---

### Abstract

This article proposes a symbolic interpretation of the figure of Jack the Ripper, understood as an archetypal representation of the collective shadow in the context of Victorian modernity. Drawing on Carl Gustav Jung's analytical psychology, the concepts of shadow, *anima*, and *persona* are articulated within the analysis of the fairy tale "Bluebeard," understood as a symbolic matrix of a psychic dynamic marked by the dissociation between consciousness and the unconscious and by violence directed against the repressed feminine. The study adopted a qualitative, theoretical-interpretative approach, grounded in symbolic hermeneutics, using Jung's works as its main corpus, in dialogue with Erich Neumann's developments on the archetype of the feminine and with Marie-Louise von Franz's contributions regarding the interpretation of fairy tales. In conjunction with historiographical studies on Victorian London, it is argued that Jack's cultural persistence as a modern myth stems not only from the police mystery, but also from his symbolic function as a condenser of collective projections related to moral repression, psychic dissociation, and violence against women. It is concluded that analytical psychology offers a perspective for examining the symbolic meanings associated with extreme violence in the cultural imaginary, without establishing a causal explanation for the crimes.

**Descriptors:** Jungian psychology, projection, archetype, feminine, violence, fairy tales.

## Jack, el Destripador y Barba Azul: disociación psíquica, sombra colectiva y violencia en la modernidad

---

### Resumen

Este artículo propone una interpretación simbólica de la figura de Jack, el Destripador, comprendida como representación arquetípica de la sombra colectiva en el contexto de la modernidad victoriana. Con base en la psicología analítica de Carl Gustav Jung, se articulan los conceptos de sombra, *anima* y *persona* a el análisis de cuento de hadas "Barba Azul", entendido como matriz simbólica de una dinámica psíquica, marcada por la disociación entre la consciencia y el inconsciente y por la violencia dirigida contra lo femenino reprimido. El estudio adoptó una

perspectiva cualitativa, de carácter teórico-interpretativo, fundamentada en la hermenéutica simbólica, tomando como *corpus* principal obras de Jung, en diálogo con las elaboraciones de Erich Neumann sobre el arquetipo de lo femenino y con las contribuciones de Marie-Louise von Franz acerca de la interpretación de los cuentos de hadas. En conjunto con estudios historiográficos sobre la Londres victoriana, se sostiene que la persistencia cultural de Jack, como mito moderno, no resulta solo del misterio policial, sino de su función simbólica como condensador de proyecciones colectivas relacionadas a la represión moral, a la disociación psíquica y a la violencia contra las mujeres. Se concluye que la psicología analítica ofrece una perspectiva para examinar los significados simbólicos asociados a la violencia extrema en el imaginario cultural, sin establecer una explicación causal de los crímenes.

**Descriptores:** psicología junguiana; proyección; arquetipo; femenino; violencia; cuentos de hadas.

## Introdução

**A figura de Jack, o Estripador ocupa um lugar singular na história da modernidade.** Mais do que um criminoso não identificado da Londres vitoriana, Jack tornou-se uma imagem persistente no imaginário cultural, atravessando o campo da história, da criminologia, da literatura e da cultura popular. A permanência dessa figura sugere que seu impacto não se limita ao registro factual dos crimes cometidos em 1888, mas remete a uma dimensão simbólica mais ampla, relacionada às ansiedades, conflitos e dissociações próprias da sociedade moderna em formação.

Diversos estudos historiográficos apontam que o chamado “outono do terror” ocorreu em um contexto marcado por profundas transformações sociais, urbanas e morais, no qual a precariedade das investigações policiais e o papel ativo da imprensa contribuíram decisivamente para a construção do mito moderno de Jack, o Estripador (Begg, 2004; Evans & Skinner, 2002). A Londres vitoriana vivia, nesse cenário, uma tensão constante entre a construção de uma persona social baseada na respeitabilidade, na ordem e no autocontrole e a realidade subterrânea de pobreza extrema, exclusão social e repressão da sexualidade. A violência atribuída a Jack, assim, não apenas produziu medo, como passou a condensar simbolicamente aquilo que a sociedade não conseguia reconhecer como parte de si mesma.

À luz da psicologia analítica, essa permanência pode ser compreendida a partir dos conceitos de sombra coletiva e

projeção. Jung demonstrou que conteúdos rejeitados pela consciência tendem a retornar de forma indireta, frequentemente sob a forma de imagens violentas ou ameaçadoras, sobretudo quando não encontram vias simbólicas de elaboração. No plano coletivo, esse mecanismo assume proporções ampliadas, permitindo que figuras específicas concentrem o mal não reconhecido por uma cultura (Jung, 1951/2013).

Este artigo propõe uma leitura de Jack, o Estripador a partir dessa perspectiva, compreendendo-o não apenas como um agente histórico, mas como uma configuração simbólica que emerge da dissociação entre persona social e sombra coletiva da modernidade vitoriana. Para aprofundar essa leitura, estabelece-se um diálogo entre a psicologia analítica e as narrativas simbólicas, em especial o conto de Barba Azul, entendido aqui como expressão arquetípica da violência dirigida contra o feminino, relegado ao espaço interdito da psique.

Ao articular conceitos junguianos clássicos com a análise simbólica dos contos de fada e com o contexto histórico da Londres do final do século XIX, este artigo propõe uma leitura da violência extrema como manifestação de conflitos psíquicos coletivos não integrados. A perspectiva adotada busca situar a figura de Jack, o Estripador em sua profundidade simbólica, compreendendo-a como condensador de projeções arquetípicas persistentes no inconsciente coletivo da modernidade vitoriana.

## Metodologia

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa de caráter teórico-interpretativo, fundamentada nos pressupostos epistemológicos da psicologia analítica de Carl Gustav Jung. O procedimento adotado consistiu na distinção entre o acontecimento histórico e sua inscrição simbólica no imaginário cultural, afastando-se deliberadamente de explicações causais, forenses ou psicopatológicas. O foco recaiu sobre a compreensão do significado simbólico que a figura de Jack, o Estripador adquiriu na modernidade vitoriana, a partir de sua articulação com estruturas arquetípicas descritas pela psicologia analítica.

O *corpus* teórico fundamenta-se nas obras de Carl Gustav Jung, com destaque para os conceitos de sombra, *anima*, persona e projeção, desenvolvidos em obras como "Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo" (Jung, 1951/2013), "Os arquétipos e o inconsciente coletivo" (Jung, 1934-1954/2014) e "Civilização em transição" (Jung, 1918-1946/2013). Em diálogo com Jung, são mobilizadas as contribuições de Erich Neumann (1994/2000, 1959/2021), especialmente no que se refere ao arquétipo do

feminino e à polaridade da Grande Mãe, bem como os estudos de Marie-Louise von Franz (1974/1995, 1970/2022) sobre os contos de fada enquanto expressões simbólicas do inconsciente coletivo.

No campo histórico, recorreu-se a estudos especializados que situam os crimes atribuídos a Jack, o Estripador no contexto social, urbano e moral da Londres vitoriana, sem reduzir a análise à busca de culpados. Trabalhos como os de Rumbelow (1975/2018) e Begg (2004) ofereceram o pano de fundo necessário para compreender tanto as condições materiais e institucionais do período, quanto a transformação do caso em figura mítica, contribuindo para sua consolidação como fenômeno simbólico coletivo.

A estratégia metodológica consistiu em uma leitura interpretativa comparativa, na qual motivos recorrentes associados a Jack, como anonimato, atuação noturna, violência dirigida ao corpo feminino e ausência de identidade definida, foram relacionados com os padrões simbólicos descritos pela psicologia analítica e dramatizados no conto de "Barba Azul" (Perrault, 1697/2013). Por meio do método da amplificação, esse procedimento buscou identificar convergências arquetípicas entre o fenômeno histórico e a narrativa simbólica, respeitando a especificidade de cada campo e evitando reducionismos causalistas.

Vale destacar que os limites da interpretação simbólica são reconhecidos e que não se pretende esgotar o fenômeno analisado nem justificar a violência, mas situá-la em sua profundidade psíquica e cultural, como expressão de conflitos coletivos não integrados.

## Referencial teórico

### A sombra e o problema do mal

Na psicologia analítica, a sombra designa os conteúdos psíquicos que o ego rejeita reconhecer como próprios, por serem incompatíveis com a imagem consciente que o sujeito constrói de si mesmo. Esses conteúdos, relegados ao inconsciente, não desaparecem, mas permanecem ativos na vida psíquica, exercendo influência contínua sobre a conduta individual e coletiva quando não são reconhecidos e integrados à consciência.

Em "Aion", Jung (1951/2013) aprofunda essa concepção, ao situar a sombra no campo da ética e da responsabilidade moral. O confronto com a sombra não constitui apenas um processo psicológico interno, mas um desafio existencial que implica custos psíquicos concretos. Como afirma o autor, "a sombra constitui um

problema de ordem moral que desafia a personalidade do eu como um todo, pois ninguém é capaz de tomar consciência desta realidade sem despender energias morais" (Jung, 1951/2013, p. 19, para. 14). A sombra deixa, assim, de ser compreendida apenas como um conjunto de traços indesejáveis e passa a ocupar um lugar central na problemática do mal.

Quando não reconhecida, a sombra tende a se manifestar por meio de projeções que escapam ao controle do sujeito. Esse processo não resulta de uma decisão voluntária, mas da autonomia do inconsciente, uma vez que a projeção antecede a reflexão consciente e somente pode ser reconhecida posteriormente pelo sujeito (Jung, 1951/2013). A projeção torna-se, desse modo, um mecanismo fundamental pelo qual conteúdos rejeitados são deslocados para fora, sendo percebidos como pertencentes ao outro.

Quando tais projeções não são reconhecidas como tais, seus efeitos tornam-se progressivamente desorganizadores da relação com a realidade. Jung observa que, nessas condições, "A consequência da projeção é um isolamento do sujeito em relação ao mundo exterior, pois ao invés de uma relação real o que existe é uma relação ilusória" (Jung, 1951/2013, pp. 20-21, para. 17), uma vez que o outro deixa de ser percebido em sua alteridade e passa a funcionar como suporte para a inscrição dos conteúdos sombrios da psique.

No plano coletivo, essa dinâmica assume proporções ampliadas. Grupos e culturas podem organizar sua identidade a partir da negação sistemática de determinados aspectos da experiência humana, projetando-os sobre figuras externas, que passam a concentrar o mal não reconhecido. A sombra deixa, então, de ser apenas um problema individual e passa a configurar uma sombra coletiva, cuja manifestação pode assumir formas de exclusão e violência, sobretudo em contextos marcados por forte repressão moral e idealização excessiva da persona social. Essa formulação evidencia como a sombra, ao ultrapassar o plano individual, pode organizar simbolicamente fenômenos de violência e exclusão no plano coletivo. No entanto, a projeção da sombra coletiva não ocorre de forma indiferenciada. Ela tende a organizar-se em torno de imagens arquetípicas específicas que oferecem suporte simbólico aos conteúdos rejeitados. Entre essas imagens, o arquétipo do feminino ocupa um lugar central. Jung demonstra que aquilo que não é integrado à consciência masculina, tanto no plano individual quanto no cultural, encontra no feminino um campo privilegiado de projeção. Desse modo, a sombra coletiva não se manifesta apenas em figuras externas genéricas, mas se articula de maneira particularmente intensa em torno da *anima* e dos aspectos sombrios do arquétipo do feminino.

## **A *anima*, o arquétipo do feminino e a Grande Mãe**

Na psicologia analítica, a *anima* corresponde ao arquétipo que representa a imagem do feminino no inconsciente do homem. Para Jung, trata-se de uma figura mediadora entre a consciência e o inconsciente, responsável pela vida afetiva, pela sensibilidade e pela capacidade de relação com o mundo interior. Quando integrada, a *anima* favorece o contato simbólico com os conteúdos inconscientes; quando reprimida ou projetada, tende a se manifestar de forma autônoma e perturbadora, sendo frequentemente vivenciada como força sedutora, ameaçadora ou desorganizadora da consciência (Jung, 1934-1954/2014).

Essa dinâmica projetional está enraizada na própria estrutura da relação entre o eu e o não eu. Como afirma Jung, "como o não eu é sentido como não pertencente ao eu e, por isso, está fora do eu, a imagem da anima é geralmente projetada em mulheres" (Jung, 1934-1954/2014, p. 36, para. 58). Nessa configuração, o feminino deixa de funcionar como instância mediadora entre a consciência e o inconsciente e passa a ser experimentado como elemento ameaçador ou perturbador da vida psíquica.

Erich Neumann (1959/2021) aprofunda essa compreensão, deslocando a análise do arquétipo do feminino para sua dimensão dinâmica e estrutural. Para o autor, os arquétipos não devem ser compreendidos como imagens fixas ou representações históricas concretas, mas como realidades psíquicas interiores, ativas e autônomas, que se expressam simbolicamente por meio de figuras culturais e mitológicas. Ao enfatizar esse caráter dinâmico, Neumann destaca que a atuação do arquétipo pode dominar a totalidade da personalidade quando constelada. Como afirma o autor,

Cada um desses estados, quando se apodera da personalidade como um todo, representa o efeito dinâmico de um arquétipo, independentemente do fato de esse efeito ser aceito ou rejeitado pela consciência humana, de permanecer inconsciente ou de alcançar a consciência (Neumann, 1959/2021, p. 19).

Nesse quadro, o arquétipo do feminino apresenta uma polaridade fundamental, simbolicamente articulada entre a mãe que nutre e a mãe Terrível. Essa ambivalência não constitui uma deformação patológica, mas um dado estrutural da experiência arquetípica. O conflito emerge quando a consciência não consegue sustentar essa tensão simbólica e passa a dissociar seus polos, rejeitando o aspecto sombrio do feminino. Nessas circunstâncias, a dimensão destrutiva do arquétipo tende a ser projetada em mulheres reais, que passam a encarnar, no imaginário masculino e coletivo, a figura da ameaça ou da degradação.

Além dessa dimensão destrutiva associada à mãe terrível, Neumann (1994/2000) destaca que o medo do feminino não se limita ao seu aspecto ameaçador e inclui também o temor de seu potencial transformador. O autor aponta que, ao lado do medo da dimensão devoradora do arquétipo, encontra-se o medo da *anima* enquanto força de transformação psíquica, capaz de desestabilizar a organização consciente do ego e de promover mudanças estruturais na personalidade. Nessa perspectiva, a rejeição do feminino não se dirige apenas ao perigo, mas à própria possibilidade de transformação.

Articulada à noção de dissociação psíquica, essa dinâmica permite compreender que conteúdos não integrados tendem a ser cindidos da consciência e projetados em imagens externas, especialmente quando associados a processos de mudança psíquica que o ego não consegue sustentar. Assim, o medo da transformação operada pela *anima* contribui para a manutenção da dissociação, intensificando a projeção dos conteúdos sombrios sobre o feminino e favorecendo a emergência de configurações simbólicas, nas quais destruição e transformação permanecem indistintas.

Essas imagens, contudo, não permanecem restritas à experiência individual. Elas reaparecem de forma recorrente nas narrativas míticas e culturais, indicando a persistência de uma estrutura psíquica coletiva que busca expressão simbólica. É nesse campo das narrativas simbólicas que essa dinâmica encontra uma de suas formulações mais claras, preparando o terreno para a análise do conto de “Barba Azul” (Perrault, 1697/2013).

### **Persona, dissociação psíquica e moralidade social**

Na psicologia analítica, a persona designa a instância psíquica responsável pela adaptação do indivíduo às expectativas do meio social. Trata-se da “máscara” por meio da qual o sujeito apresenta-se ao mundo, organizando sua identidade em conformidade com valores, normas e papéis socialmente reconhecidos. Embora necessária à vida em sociedade, a persona torna-se problemática quando ocorre uma identificação excessiva com suas exigências, em detrimento da vida psíquica inconsciente (Jung, 1934-1954/2014).

Quando a persona torna-se rígida e unilateral, estabelece-se uma dissociação entre a imagem socialmente aceitável e os conteúdos psíquicos rejeitados, que passam a se acumular na sombra. Nesses casos, quanto mais elevada e idealizada é a imagem consciente do sujeito ou da coletividade, mais intensamente os aspectos negados tendem a se manifestar de forma autônoma e

desorganizada. No plano cultural, sociedades fortemente moralistas e normativas podem produzir esse tipo de cisão, criando um contraste acentuado entre a respeitabilidade pública e a violência latente. Essa dissociação entre persona social e conteúdos reprimidos constitui um dos fundamentos psíquicos para a emergência de formas extremas de transgressão e violência, que não podem ser compreendidas apenas como desvios individuais, mas como sintomas de conflitos coletivos não integrados.

### **Os contos de fada como expressão do inconsciente coletivo**

Na psicologia analítica, os contos de fada ocupam um lugar privilegiado como expressão simbólica dos conteúdos do inconsciente coletivo. Por não estarem vinculados a uma autoria individual nem a um contexto histórico específico, essas narrativas preservam, de forma particularmente nítida, padrões arquetípicos fundamentais da psique humana. Conforme destaca von Franz (1974/1995), os contos de fada apresentam os arquétipos em sua forma mais elementar, despojados de elaborações culturais complexas, o que os torna especialmente adequados para a investigação da dinâmica entre consciência e inconsciente.

Nessas narrativas, conflitos psíquicos estruturais como a dissociação entre persona e sombra, bem como a projeção dos aspectos sombrios do arquétipo do feminino, são dramatizados por meio de imagens recorrentes que atravessam culturas e épocas. Sob essa perspectiva, os contos não devem ser interpretados como narrativas moralizantes ou descrições de desvios individuais, mas como expressões simbólicas de estruturas psíquicas coletivas, nas quais tensões fundamentais da experiência humana encontram uma forma simbólica.

Nesse sentido, os contos de fada constituem um material privilegiado para a análise de fenômenos culturais nos quais a violência emerge como expressão de conflitos psíquicos coletivos não elaborados. A leitura simbólica dessas narrativas permite estabelecer pontes entre estruturas arquetípicas e acontecimentos históricos, sem reduzir uns aos outros. É a partir dessa perspectiva que o conto de Barba Azul será analisado, não como simples ilustração, mas como expressão simbólica de uma dinâmica psíquica que encontra ressonância na figura moderna de Jack, o Estripador.

## Análise e discussão

### Jack, o Estripador e a dissociação psíquica na modernidade vitoriana

A compreensão de Jack, o Estripador como expressão da sombra coletiva exige a consideração atenta do contexto histórico e social no qual seus crimes ocorreram. A sociedade vitoriana sustentava uma autoimagem fortemente marcada por ideais de respeitabilidade, progresso moral e racionalidade, ao mesmo tempo em que convivia com profundas contradições sociais, desigualdades extremas e exclusões sistemáticas. Essa dissociação estrutural entre a persona coletiva e a realidade vivida constitui o pano de fundo simbólico no qual a figura de Jack se inscreve (Begg, 2004).

Donald Rumbelow (1975/2018) observa que os assassinatos ocorreram em um período de intensa instabilidade social no *East End* londrino, região caracterizada por pobreza extrema, precariedade habitacional, desemprego e fragilidade das instituições públicas. Segundo o autor, o clima de insegurança e desorganização urbana contribuiu decisivamente para a amplificação simbólica dos crimes, transformando-os em foco privilegiado das ansiedades sociais da época.

A incapacidade das autoridades para identificar e capturar o criminoso agravou esse cenário. A sucessão de crimes sem solução produziu um sentimento coletivo de impotência e de desconfiança em relação às promessas de ordem e controle que sustentavam o ideal vitoriano. A polícia, símbolo do projeto civilizatório moderno, revelou-se incapaz de conter a violência que emergia precisamente nas margens da cidade, reforçando a percepção de que algo ameaçador escapava ao domínio da consciência social (Rumbelow, 1975/2018).

À luz da psicologia analítica, esse contexto favorece a ativação da sombra coletiva. Quando uma sociedade sustenta uma persona excessivamente idealizada, os aspectos que contradizem essa imagem tendem a ser reprimidos e deslocados para espaços marginais. O *East End* pode, assim, ser compreendido simbolicamente como o território sobre o qual a sociedade vitoriana depositava seus conteúdos rejeitados, fazendo da violência não uma ruptura inesperada, mas a manifestação sintomática de uma dissociação já instalada.

Nesse cenário, Jack, o Estripador passa a funcionar como condensador simbólico dessa sombra. Sua figura incorpora, de forma extrema, aquilo que a sociedade vitoriana não conseguia

reconhecer em si mesma, permitindo que medo, agressividade, sexualidade reprimida e desordem moral fossem projetados sobre um personagem sem rosto, que circulava nas sombras e atacava mulheres socialmente invisíveis. A ausência de uma identidade definida, aliada à repetição dos crimes e à impotência institucional, favoreceu a cristalização simbólica da figura, que ultrapassou o estatuto de criminoso empírico e assumiu uma dimensão mítica, encarnando a sombra coletiva de uma cultura que nega suas próprias contradições.

Assim, Jack é progressivamente deslocado do registro do fato histórico para o plano da imagem simbólica que estrutura o imaginário coletivo. Do ponto de vista da psicologia analítica, essa permanência não depende da factualidade histórica, mas do poder da imagem psíquica enquanto realidade eficaz no imaginário coletivo. Como observa Jung:

Longe, portanto, de ser um mundo material, esta realidade é um mundo psíquico que só nos permite tirar conclusões indiretas e hipotéticas acerca da verdadeira natureza da matéria. Só o psíquico possui uma realidade imediata, que abrange inclusive as ideias e os pensamentos “irreais” (. . .) Maiores do que todos os perigos físicos são os efeitos tremendos das ideias ilusórias às quais nossa consciência mundana nega qualquer realidade (Jung, 1916-1948/2013, p. 342, para. 747).

À luz dessa formulação, compreende-se por que a figura de Jack, o Estripador permanece ativa no imaginário moderno: não como fato histórico resolvido, mas como imagem psíquica dotada de eficácia simbólica, capaz de condensar medos, conflitos morais e conteúdos rejeitados pela consciência coletiva.

Jung (1951/2013) observa que, quanto mais projeções se interpõem entre o sujeito e o mundo exterior, mais difícil torna-se para o eu reconhecer suas próprias ilusões. Nesses casos, a destrutividade não é produzida pela consciência, mas por um fator inconsciente autônomo, que organiza as projeções e conduz o indivíduo a um enredo no qual ele próprio acaba por se envolver. Quando tais projeções não podem ser compreendidas apenas como expressão da sombra pessoal, elas passam a assumir a forma da *anima* ou do *animus*, cuja autonomia explica a persistência e a força dessas dinâmicas projetivas.

### **Barba Azul como configuração arquetípica da dissociação psíquica**

É justamente no campo das narrativas simbólicas que essa dinâmica pode ser observada com maior clareza. Os contos de

fada, ao não estarem vinculados a uma autoria individual nem a um contexto histórico específico, preservam de forma particularmente nítida os padrões arquetípicos do inconsciente coletivo. Neles, a ambivalência do arquétipo do feminino e a projeção de seus aspectos sombrios aparecem condensadas em imagens recorrentes, que atravessam culturas e épocas. Entre essas narrativas, o conto do Barba Azul destaca-se por expressar, de maneira exemplar, a cisão entre o masculino consciente e o feminino reprimido, bem como a violência dirigida contra aquilo que foi relegado ao espaço interdito da psique.

O conto do Barba Azul pode ser compreendido, à luz da psicologia analítica, como uma dramatização simbólica da dissociação entre consciência e inconsciente, bem como da clivagem entre persona e sombra. A figura masculina central da narrativa apresenta-se inicialmente como socialmente respeitável, detentor de riqueza, *status* e poder, mas mantém oculto um espaço interdito no qual se acumulam corpos femininos assassinados. Essa duplicidade constitui o núcleo simbólico do conto, revelando uma cisão psíquica profunda que opera sob a aparência de normalidade social.

Do ponto de vista junguiano, Barba Azul encarna uma persona rigidamente construída, sustentada por convenções sociais e por uma imagem de respeitabilidade que mascara conteúdos inconscientes destrutivos. Jung (1934-1954/2014) adverte que quanto mais unilateral e idealizada é a persona, maior tende a ser a pressão exercida pelos conteúdos reprimidos da sombra, que buscam expressão de forma autônoma e frequentemente violenta. No conto, essa violência é dramatizada simbolicamente por meio de imagens reiteradas de assassinato feminino, que não devem ser compreendidas como atos empíricos, mas como representações arquetípicas da destruição do feminino relegado ao espaço interdito da psique.

O quarto proibido ocupa um lugar central na economia simbólica da narrativa. Trata-se de um espaço segregado de padrões da consciência, com acesso interditado sob ameaça de punição extrema. Do ponto de vista psicológico, esse espaço pode ser interpretado como uma imagem do inconsciente reprimido, em que se acumulam conteúdos não reconhecidos, não elaborados e não integrados. A chave entregue à esposa simboliza a possibilidade de acesso a esse material psíquico, isto é, a abertura para a consciência do que foi negado.

A curiosidade feminina, frequentemente interpretada de forma moralizante em leituras superficiais do conto, adquire aqui um significado distinto. Ela representa o impulso psíquico em direção ao conhecimento e à ampliação da consciência. A transgressão

da proibição não constitui, portanto, uma falha moral, mas um movimento necessário de confrontação com a realidade psíquica oculta. O sangue que mancha a chave, impossibilitando sua limpeza, indica a irreversibilidade do processo de tomada de consciência. Aquilo que foi visto não pode mais ser negado ou esquecido.

A repetição dos assassinatos femininos sugere uma dinâmica compulsiva, característica de conteúdos inconscientes não integrados. Cada nova esposa substitui a anterior, sem que haja qualquer transformação psíquica real, evidenciando a estagnação do desenvolvimento da consciência masculina representada por Barba Azul. Essa repetição corresponde ao que Jung descreve como atuação inconsciente da sombra, na qual o sujeito permanece prisioneiro de padrões destrutivos que se reiteram por falta de elaboração simbólica (Jung, 1934-1954/2014).

Sob essa perspectiva, Barba Azul não deve ser interpretado como um indivíduo particular, mas como uma configuração arquetípica, que expressa a violência dirigida contra o feminino reprimido. As mulheres assassinadas não representam sujeitos empíricos, mas imagens simbólicas da *anima* e do arquétipo do feminino. Quando essas imagens são rejeitadas, retornam sob a forma de ameaça e destruição. A violência não se dirige à mulher concreta, mas àquilo que ela simboliza no interior da psique masculina dissociada (von Franz, 1970/2022).

Essa leitura permite compreender por que o conto atravessa séculos e culturas sem perder sua força simbólica. Ele não narra um evento histórico específico; ele encena um conflito psíquico estrutural, relacionado à incapacidade de integração da sombra e do feminino. Ao dramatizar essa dinâmica em linguagem simbólica, Barba Azul torna visível um padrão arquetípico que, quando não reconhecido simbolicamente, tende a reaparecer de forma literal e devastadora na realidade histórica.

### **Jack, o Estripador como reatualização moderna de Barba Azul**

A leitura simbólica do conto do Barba Azul permite estabelecer uma articulação consistente com a figura moderna de Jack, o Estripador, não no sentido de uma equivalência literal entre personagens, mas como uma reatualização histórica de uma mesma configuração arquetípica. Em ambos os casos, observa-se a presença de um masculino dissociado, cuja persona social encobre uma sombra violenta dirigida contra o feminino, relegado ao espaço interdito da psique.

Assim como Barba Azul, Jack emerge em um contexto marcado por uma cisão profunda entre a aparência moral e a realidade

subterrânea. A sociedade vitoriana construiu uma autoimagem baseada na ordem, na racionalidade e na respeitabilidade, ao mesmo tempo em que convivia com pobreza extrema, exclusão social e repressão sistemática da sexualidade. Essa dissociação entre centro e margem, entre persona coletiva e sombra social, criou as condições psíquicas para que a violência irrompesse de forma autônoma, concentrando-se precisamente sobre aqueles que ocupavam posições simbólicas frágeis.

Do ponto de vista arquetípico, o bairro de Whitechapel pode ser compreendido como um equivalente moderno do quarto proibido de Barba Azul. Trata-se do espaço social onde a cidade deposita aquilo que não deseja reconhecer como parte de si mesma. Nesse território marginalizado, a violência deixa de ser exceção e passa a operar como sintoma. Jack não invade o centro moral da cidade; ele age no espaço já marcado pela exclusão simbólica, onde a sombra coletiva encontra terreno fértil para se manifestar.

A ausência de uma identidade confirmada para Jack intensifica sua função simbólica. Enquanto Barba Azul possui um rosto, um nome e uma posição social definida, Jack permanece sem identidade estável, funcionando como figura espectral. Essa indeterminação favorece o processo de projeção coletiva, permitindo que medos difusos, fantasias inconscientes e ansiedades sociais sejam condensados em sua imagem. Estudos historiográficos indicam que a impossibilidade de identificar o criminoso contribuiu decisivamente para sua transformação em figura mítica, progressivamente desvinculada do acontecimento empírico (Rumbelow, 1975/2018).

A repetição dos assassinatos e o caráter ritualizado da violência reforçam essa leitura. Assim como no conto, não há elaboração simbólica nem transformação psíquica, apenas a reiteração compulsiva do mesmo padrão destrutivo. Cada nova vítima substitui a anterior sem produzir qualquer mudança estrutural, indicando a atuação autônoma da sombra quando não integrada à consciência. A violência não se dirige a indivíduos específicos, mas ao feminino enquanto portador simbólico de conteúdos rejeitados.

Nesse sentido, Jack pode ser compreendido como a manifestação moderna de uma mesma estrutura psíquica encenada simbolicamente em Barba Azul. Ambos expressam a impossibilidade de integração da sombra e da *anima*, resultando em violência dirigida contra aquilo que foi excluído da consciência. A diferença fundamental reside no registro em que essa dinâmica se manifesta. No conto de fadas, a violência aparece em linguagem simbólica, permitindo a elaboração simbólica e a transmissão cultural. Na modernidade vitoriana, ela

irrompe de forma literal, corporal e irreversível, produzindo trauma social e terror coletivo.

Essa passagem do simbólico ao factual indica um enfraquecimento da função simbólica da cultura. Quando narrativas capazes de conter e elaborar conflitos psíquicos deixam de operar, conteúdos arquetípicos tendem a se manifestar de forma direta na realidade histórica.

Como observa von Franz (1970/2022), os contos de fada cumprem a função de expressar e transformar simbolicamente conflitos psíquicos fundamentais. Com o enfraquecimento ou inatividade dessa função simbólica, conteúdos arquetípicos podem retornar de forma literal e destrutiva na realidade histórica. Nesse sentido, Jack, o Estripador não cria uma figura inédita do mal, mas reencena, em chave moderna, uma dinâmica arquetípica antiga cuja expressão simbólica já estava presente nos contos de fada.

A articulação entre Barba Azul e Jack, o Estripador revela, portanto, a persistência de uma lógica psíquica que atravessa épocas e contextos culturais distintos. Ao deslocar a violência do plano simbólico para o plano histórico, a modernidade vitoriana expôs os limites de sua própria consciência coletiva, evidenciando que aquilo que não é simbolicamente reconhecido tem a possibilidade de retornar sob formas cada vez mais literais e devastadoras.

## Conclusão

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender Jack, o Estripador não apenas como um criminoso histórico circunscrito ao final do século XIX, mas como uma figura simbólica que emerge do inconsciente coletivo da modernidade vitoriana. A articulação entre a psicologia analítica de Carl Gustav Jung, a leitura simbólica dos contos de fada e os estudos históricos sobre o contexto londrino evidenciou que a persistência de Jack no imaginário cultural não se explica apenas pelo mistério policial, mas por sua função arquetípica.

A partir do conceito de sombra, foi possível compreender a violência atribuída ao Estripador como parte de uma dinâmica de projeção coletiva. A análise desenvolvida indicou que conteúdos rejeitados pela consciência social podem ser projetados sobre determinadas figuras, que passam a concentrar simbolicamente aspectos que a coletividade não reconhece como próprios. A sociedade vitoriana, marcada por uma persona rigidamente construída em torno da respeitabilidade, do autocontrole moral e da repressão da sexualidade, relegou ao submundo urbano tudo aquilo que contrariava essa imagem idealizada. Nesse contexto, o

*East End* passou a funcionar como espaço privilegiado de depósito simbólico dos conteúdos rejeitados pela consciência social.

A centralidade do feminino entre as vítimas permitiu aprofundar essa leitura, a partir do arquétipo da *anima* e da Grande Mãe. Conforme desenvolvido por Jung e aprofundado por Neumann (1994/2000, 1959/2021), o feminino arquetípico apresenta uma polaridade constitutiva, que inclui tanto aspectos nutridores quanto destrutivos. Quando essa ambivalência não é simbolicamente sustentada no plano individual e cultural, o polo sombrio tende a ser projetado em figuras externas. A violência dirigida contra mulheres socialmente marginalizadas pode, assim, ser compreendida como expressão de um conflito psíquico profundo relacionado à dificuldade de integração do feminino no inconsciente masculino e coletivo.

A análise do conto do Barba Azul ofereceu um campo privilegiado para a compreensão simbólica dessa dinâmica. Enquanto narrativa simbólica, o conto dramatiza a dissociação entre persona e sombra, bem como a violência dirigida contra o feminino, relegado ao espaço interdito da psique. Barba Azul não representa um indivíduo histórico, mas uma configuração arquetípica que expressa, em linguagem simbólica, a destruição compulsiva daquilo que não foi integrado à consciência. O diálogo estabelecido entre essa narrativa e a figura de Jack permitiu identificar a reatualização moderna de uma mesma estrutura psíquica.

A diferença fundamental entre Barba Azul e Jack reside no registro em que essa dinâmica se manifesta. No conto de fadas, a violência aparece simbolicamente, permitindo a elaboração simbólica e a transmissão cultural. Na modernidade vitoriana, ela irrompe de forma literal, corporal e irreversível, produzindo trauma social e terror coletivo. A incapacidade de sustentar simbolicamente os conflitos psíquicos evidencia um empobrecimento da função simbólica da cultura, abrindo espaço para que o arquetípico manifeste-se de modo imediato e destrutivo na realidade histórica.

Jack, o Estripador pode, assim, ser compreendido como um mito moderno. Sua persistência cultural indica que os conflitos entre persona, sombra e feminino permanecem ativos no inconsciente coletivo. A impossibilidade de fixar sua identidade concreta favoreceu o processo de projeção, permitindo que ele se tornasse portador simbólico de angústias sociais mais amplas relacionadas à desordem urbana, à degradação moral e à fragilidade do projeto civilizatório moderno. Reconhecer a dimensão simbólica da figura de Jack, o Estripador não implica justificar a violência nem explicá-la por causas individuais ou patológicas, mas situá-la

no interior de uma dinâmica psíquica coletiva, na qual conteúdos não elaborados da sombra retornam sob formas extremas.

Embora o presente estudo tenha se concentrado no contexto da modernidade vitoriana, a dinâmica psíquica aqui analisada não se restringiu a esse período histórico. A persistência contemporânea da violência contra mulheres, frequentemente marcada por padrões de objetificação, despersonalização e brutalidade, sugere a continuidade de conflitos não elaborados relacionados à projeção da sombra e à dificuldade de integração do feminino no plano coletivo. Ainda que não constitua objeto direto deste trabalho, tal relação aponta para a relevância de investigações futuras que articulem a psicologia analítica com os fenômenos atuais de violência de gênero, ampliando o alcance interpretativo das dinâmicas aqui descritas.

Essa leitura simbólica não apenas aprofunda a compreensão cultural do fenômeno, como também oferece à psicologia analítica uma chave interpretativa para a reflexão clínica sobre a sombra coletiva. Ao reconhecer que determinados fenômenos históricos podem refletir conflitos psíquicos coletivos não elaborados, amplia-se o campo de compreensão das projeções que atravessam tanto a vida social quanto a experiência individual. Nesse sentido, o artigo contribui ao debate teórico-clínico junguiano, evidenciando a importância da elaboração simbólica da sombra como condição para a integração psíquica.

## Referências

- Begg, P. (2004). *Jack the ripper: the definitive history*. Pearson Education.
- Evans, S. P., & Skinner, K. (2002). *The ultimate Jack the ripper sourcebook*. Robinson.
- Jung, C. G. (2013). *A natureza da psique: a dinâmica do inconsciente* (OC, Vol. 8/2). Vozes. (Trabalhos originais publicados entre 1916-1948).
- Jung, C. G. (2013). *Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo* (OC, Vol. 9/2). Vozes. (Trabalho original publicado em 1951).
- Jung, C. G. (2013). *Civilização em transição* (OC, Vol. 10/3). Vozes. (Trabalho original publicado entre 1918-1946).
- Jung, C. G. (2014). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (OC, Vol. 9/1). Vozes. (Trabalhos originais publicados entre 1934-1954).
- Neumann, E. (2000). *O medo do feminino e outros ensaios sobre a psicologia feminina*. Paulus. (Trabalho original publicado em 1994).
- Neumann, E. (2021). *A grande mãe: um estudo histórico sobre os arquétipos, os simbolismos e as manifestações femininas do*

- inconsciente* (2a ed.). Cultrix. (Trabalho original publicado em 1959).
- Perrault, C. (2013). *Barba Azul* (M. L. X. A. Borges, Trad.). In M. Tatar (Ed.), *Contos de fadas: edição comentada e ilustrada* (2a ed., pp. 160–172). Zahar. (Trabalho original publicado em 1697).
- Rumbelow, D. (2018). *Jack, o estripador: a investigação definitiva sobre o serial killer mais famoso da história*. Record. (Trabalho original publicado em 1975).
- von Franz, M.-L. (1995). *A sombra e o mal nos contos de fadas*. Vozes. (Trabalho original publicado em 1974).
- von Franz, M.-L. (2022). *A interpretação dos contos de fada*. Vozes. (Trabalho original publicado em 1970).
- 

### **Minicurrículo:**

**Adriana Spaulonci Politi** – Mestrado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, vinculada ao Núcleo de Estudos Junguianos. Professora e supervisora da pós-graduação em Psicoterapia Junguiana na Universidade Paulista – UNIP e no curso de pós-graduação em Psicologia Analítica - Ênfase em Mitologia, Contos e Arte do Instituto Freedom. Aprimoramento em Saúde Mental no Conjunto Hospitalar do Mandaqui, vinculado ao Programa de Aprimoramento Profissional da Fundação do Desenvolvimento Administrativo – FUNDAP. Membro analista do Instituto Junguiano de São Paulo, Associação Junguiana do Brasil, *International Association for Analytical Psychology* – IJUSP/AJB/IAAP. Analista e supervisora clínica. E-mail: psicologapoliti@gmail.com